

'Startup' desenvolve analgésico não opióide para dor crónica a partir do mar algarvio

written by O Cidadão | 2 de Dezembro, 2023



Depois de mais de 10 anos de investigação, esta empresa portuguesa da área da **biotecnologia avançada**, com sede em **Sagres**, em Vila do Bispo, não esconde a ambição de vender a descoberta a um dos 'tubarões' da **indústria farmacêutica mundial**.

A **dor crónica** é uma doença que aflige **uma em cinco pessoas em todo o mundo**, proporção que, no entanto, é superior na **população portuguesa**, disse à agência Lusa Pedro Lima, investigador e diretor científico da Sea4Us.

A empresa está a desenvolver o **primeiro analgésico marinho não opioide** que, se tudo correr como previsto, **será eficaz no tratamento da dor crónica sem provocar dependência** ou efeitos secundários, porque não afeta centralmente o cérebro, referiu.

“O que nós temos a ser desenvolvido é uma alternativa aos opioides, morfina e afins, que de facto aliviam a dor em muitos casos e outros não, mas têm efeitos secundários algumas vezes terríveis”, esclareceu o neurofisiologista e biólogo marinho.

O muito provável futuro novo medicamento é possível graças às características particulares **de organismos marinhos** que evoluíram e estão incrustados nas rochas de grutas e cavidades da **costa algarvia, perto de Sagres**, no Algarve.

A Lusa acompanhou uma das saídas, num semirrígido, a partir de Sagres, em que uma equipa da **Sea4Us**, liderada por **Pedro Lima**, mergulhou junto a uma falésia na costa sul do Algarve, entre o porto de pesca desta vila e a Ponta da Atalaia, para recolher **esponjas e outros organismos marinhos das rochas**.

“É nesses organismos, como estes que nós tirámos, que encontramos uma química que está para além do engenho humano. O engenho humano não consegue sintetizar estas formas que nós encontramos nestes animais. É este o nosso conceito”, afirmou o responsável, depois de um mergulho que durou cerca de meia hora.

Sagres é o principal local de recolha de amostras marinhas, onde a Sea4Us tem nas suas instalações aparelhos para tratar as amostras, mas o desenvolvimento pré-clínico é realizado no **Laboratório de Fisiologia da Universidade Nova de Lisboa**.

A empresa também trabalha em rede com outras entidades, como a **Universidade do Algarve e outras instituições de ensino na Europa, Estados Unidos e Japão**, assim como empresas que desenvolvem as mais diversas substâncias.

“O nosso conceito é de facto, levar o produto a um ponto – esperamos alcançá-lo daqui a um ano e meio -, em que poderemos fazer o licenciamento para um desses ‘tubarões’ multinacionais do setor farmacêutico”, afirmou.

A empresa está agora a fazer os testes que precedem os primeiros testes clínicos em **humanos**, e caso corra tudo como esperado, pode avançar-se para o licenciamento e as farmacêuticas colocarem o produto no mercado, **o que pode demorar cerca de cinco anos.**

A **Sea4Us** assume **não ter o dinheiro necessário** para realizar a totalidade dos testes em **cobaias humanas** e que gostaria de vender o seu projeto, daqui a cerca de um ano e meio, no início das experiências com pessoas.

Até agora, a empresa já investiu neste projeto, **com a ajuda de fundos públicos, 1,5 a 2 milhões de euros**, esperando continuar a investir noutros, alguns dos quais já iniciados, que permitirão lutar contra doenças como a **bexiga hiperativa, a neuropatia induzida por quimioterapia ou a epilepsia.**

0 Cidadão/Lusa